

ESTUDOS PORTUGUESES

HOMENAGEM A
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

DIALOGO
Compilação



DIÁLOGO
Série Compilação

ESTUDOS PORTUGUESES

HOMENAGEM A
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA



c.
27.11.90

ESTUDOS PORTUGUESES

HOMENAGEM A ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

1990

ESTUDOS PORTUGUESES

HOMENAGEM A
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Titulo

**Estudos Portugueses.
Homenagem a António José Saraiva**

1.ª edição — 1990

Instituto de Cultura e Língua Portuguesa
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

© Instituto de Cultura e Língua Portuguesa
Praça do Príncipe Real, 14 — 1.º — 1200 Lisboa
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Cidade Universitária, 1699 — Lisboa Codex
Direitos de tradução, reprodução e adaptação reservados para todos os países

Capa

Aquarela de António José Saraiva
Arranjo gráfico de M. Fernanda de Carvalho

Tiragem

1.500 exemplares

Composição e impressão

Gráfica Maiadouro
Rua Padre Luís Campos, 686 — 4470 MAIA

Depósito legal n.º 34 561/90

NOTA DE ABERTURA

Nascido em 31 de Dezembro de 1917, António José Saraiva é uma das personalidades que mais têm marcado a cultura portuguesa nos últimos cinquenta anos. Os seus primeiros trabalhos de maior extensão, redigidos para a obtenção dos dois graus iniciais de uma carreira académica invulgarmente precoce — dissertação de licenciatura sobre Bernardim Ribeiro em 1938 e dissertação de doutoramento em Filologia Românica intitulada *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval*, publicada em livro no ano seguinte ao da sua apresentação em 1942 —, constituindo ainda hoje uma das principais referências nos estudos bernardianos e vicentinos, são já reveladores das qualidades que a sua obra sempre manifestou.

Atraído, desde o início, pelas grandes obras da literatura portuguesa, bem como pelas questões de fundo da nossa cultura, o ensaísta encarou-as sempre numa perspectiva pessoal e inovadora, produzindo sobre elas uma reflexão original. Aliando à coragem intelectual, manifestada numa atitude de desafio de ideias consagradas (por outros ou por si mesmo), uma invulgar intuição na interpretação dos fenómenos estético-literários e uma inesgotável e inquieta curiosidade pelos vários domínios do saber, António José Saraiva criou uma obra não apenas vastíssima, mas também extremamente diversificada (aspectos que a leitura da bibliografia incluída neste volume torna imediatamente perceptíveis) e cuja acção na formação cultural dos Portugueses tem sido incalculável.

A importância desta vertente pedagógica da obra de António José Saraiva, cuja repercussão tem ultrapassado largamente o público exclusivamente universitário, justifica-se não apenas pelas qualidades já referidas, pelo seu espírito imaginativo e crítico, pela argúcia que o conduziu sempre a captar o âmago das questões que aborda, mas também pelo seu estilo límpido, transparente, pela clareza e aparente simplicidade na exposição dos assuntos e, por outro lado ainda, pelo seu próprio perfil intelectual e humano. Em todos os quadrantes da sua intervenção na sociedade

portuguesa, que abarca campos tão diversos como o dos trabalhos de carácter erudito e o da actuação cívica através da colaboração regular na imprensa, o pensador tem mantido uma atitude de uma exemplar integridade e coerência, revelada quer na impermeabilidade a tentações ou pressões dos vários mecanismos do poder social ou político, quer na difícil e invulgar coragem de repensar, questionar e mesmo negar as suas próprias convicções, reactualizando-se constantemente.

Foi esta verticalidade de António José Saraiva, a vibração entusiástica que sempre transmitiu às convicções que considerava justas, que o tornaram frequentemente incómodo ou mesmo «persona non grata» na óptica institucional e que lamentavelmente conduziram a que o reconhecimento «oficial» do seu valor começasse por se fazer no estrangeiro.

Forçado efectivamente a exilar-se em França, por ter sido proibido de leccionar em Portugal, não apenas na Universidade mas também em todos os estabelecimentos de ensino oficial e particular, começou por ser bolseiro do Collège de France (sob a orientação de Marcel Bataillon) em 1958/59, para, depois de algum tempo como investigador («Attaché de recherche») do Centre National de la Recherche Scientifique de Paris, lhe ser concedido em 1967 o grau de «Chargé de Recherche» do mesmo Centro (lugar que supõe a equivalência ao «Doctorat d'État» em França).

A publicação da sua obra conferira-lhe entretanto um tal prestígio internacional que é convidado para o cargo de Professor Catedrático («Hoogleraar») pela Universidade de Amsterdão, aonde permaneceu até 1975, ano em que regressou a Portugal para desempenhar o cargo de Professor Catedrático, primeiramente na Universidade Nova de Lisboa e no Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa, até ter sido possível, em 1977, a sua nomeação como Professor Catedrático, por distinção, no quadro dos professores de Filologia Românica.

Também no âmbito da actividade docente que desenvolveu nestes últimos anos na Faculdade de Letras, a presença de António José Saraiva foi estimulante e enriquecedora.

Foi por todas estas razões que a Faculdade de Letras, em colaboração com o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, tomou a iniciativa de comemorar simbolicamente essa presença de António José Saraiva na cultura portuguesa (tanto dentro da escola como fora dela), dando a palavra a todos aqueles — antigos alunos, colegas, amigos — que, sentindo-se devedores do grande mestre que ele foi e é, quisessem colaborar na miscelânea que agora se edita.

A Faculdade de Letras agradece à Fundação Calouste Gulbenkian e à Fundação Oriente o terem contribuído com o seu apoio financeiro para a concretização desta iniciativa.

A Comissão Executiva

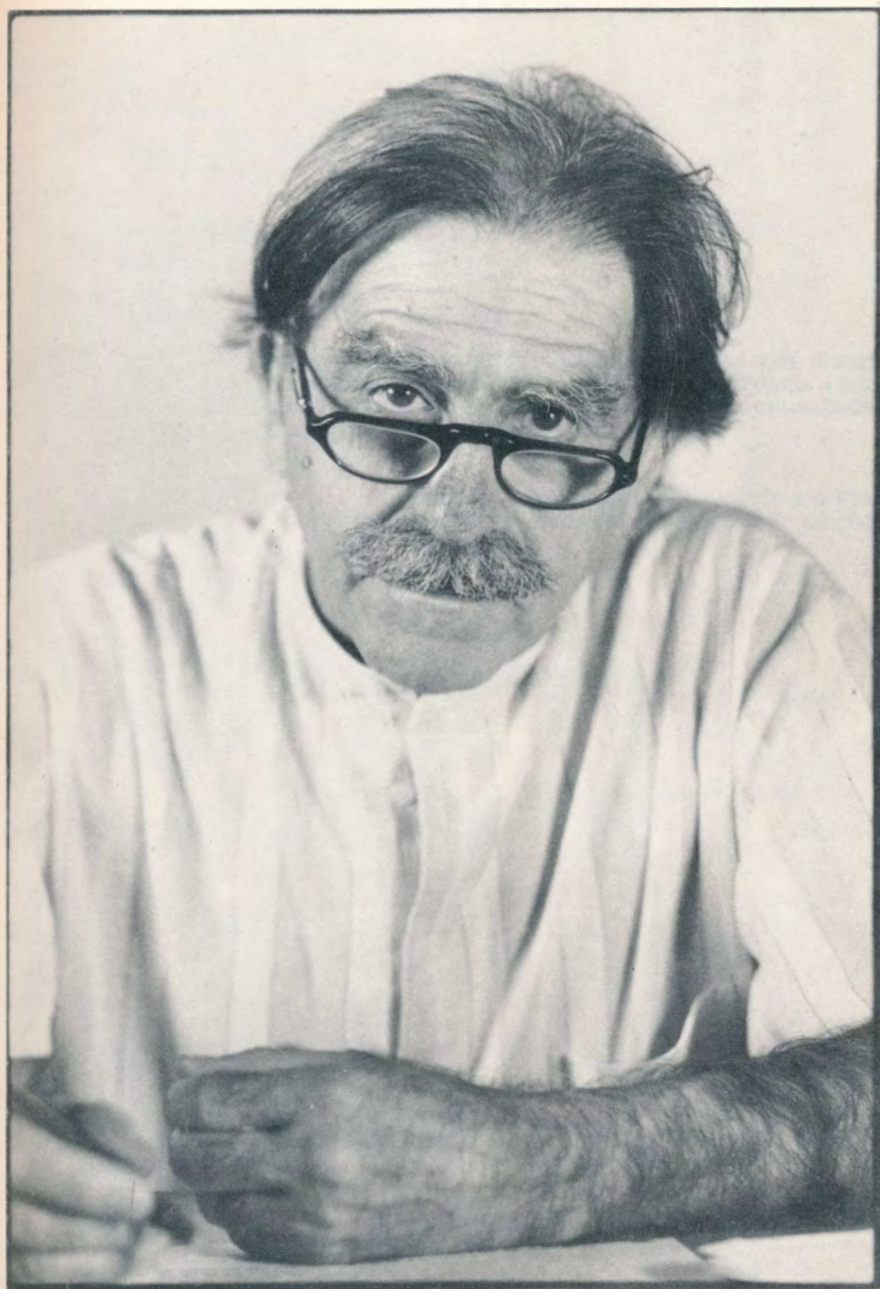
Maria de Lourdes Belchior

Maria Lucília Gonçalves Pires

José da Costa Miranda

Leonor Curado Neves

Luís Ramalhosa Guerreiro



FAUSTO NA PRAIA DO LIMITE

SILVINA RODRIGUES LOPES

Universidade Nova de Lisboa

O nó fundamental da relação entre o *Fausto* de Goethe e o *Fausto Tragédia Subjectiva* de Fernando Pessoa reside numa concepção do sujeito que se afirma e consolida no primeiro, para dar lugar, no segundo, a uma desolação que corresponde ao esgotamento desse sujeito. O sujeito fáustico, que se institui no cruzamento de conhecimento e acção, impõe-se como vontade de domínio, ou poder que isola: um poder de traçar limites que colocam face a face sujeito e objecto, um poder de objectivação que torna impensável a morte, convertendo-a em mistério e convertendo todo o mistério em horror. A epopeia do pensamento na civilização moderna vai-o libertando progressivamente da acção até dar origem a um «horror metafísico da Acção» (1), um pensamento-espectador que atinge a solidão máxima, a pureza máxima de uma «Consciência em ódio ao inconsciente» (2). É o próprio poder do sujeito correspondente a esse cume que gera e faz alastrar o horror. O Fausto de Pessoa, ao mostrar o paroxismo desse poder, é, ao mesmo tempo, busca e afirmação daquilo que liga, um fazer poético que vai captando a morte na sua rede, sempre inacabada, de versos: «Bem sei que a obra é para tristeza, / Mas há o fazê-la que a faz beleza» (3).

Levada ao limite, a vontade de domínio de Fausto conduz à impotência absoluta, mas aí, nesse limite, a inteligência da beleza traz à praia da escrita as ondas de um outro poder que não é o do sujeito da acção, mas o de um sujeito receptivo, um sujeito estético. A poesia, paixão da noite, é mais do que filtro para uma necessidade de mais que esquecer, é o abandono do horror do face a face com a morte, que apenas uma relação de sedução mútua permite:

(1) Fernando Pessoa, *Fausto Tragédia Subjectiva*, texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha, Edit. Presença, Lisboa, 1988, p. 149.

(2) *Id.*, *ib.*

(3) *Id.*, *ib.*